

DINORAH

Fernanda Lizardo

Dinorah. Esse era o nome dela. Dinorah, assim mesmo, com o "h" no final, imponente. Sua mãe sempre achara que aquele "h" iria lhe conferir uma majestade sutil, uma coroa imaginária, um quê de líder.

Dinorah era uma mocinha tranqüila, pouco autoritária, que falava baixinho, quase ronronando. Era bonita, mas não chegava a ser deslumbrante. Chamava a atenção mais pela sutileza que pela beleza. Era prendada, delicada, falava pouco, mas observava bastante. Não possuía nada de incomum: sua inteligência estava dentro dos padrões de seu grupo de convívio; seu comportamento era como o de qualquer garota de sua idade; seus interesses eram triviais.

Ela gostava muito de passar as tardes no mesmo banco de praça, aquele, lá no isolamento, longe do parque e do grito das crianças, longe do lago e do quaquaquejar dos patos, longe de velhinhas, pombos e pipocas. Eram apenas ela, grama, sol e letras. Devorava todos os livros com um prazer imensurável e, em certas passagens, ria ou chorava sozinha.

Em uma destas tardes, um homem bem vestido e de sorriso largo sentou-se ao seu lado. Dinorah sentiu-se invadida de início, mas condenou-se por sua atitude egoísta: "O que tem de mais, Dinorah? A praça é pública! Deixe-o aí e continue sua leitura!". O homem parecia mais velho do que ela, mas possuía aparência lívida, invejável até (!), era bem conservado e, por que não?, charmoso.

O homem permaneceu ali, com seu silêncio. De tempos em tempos, durante um intervalo inconstante de segundos, Dinorah erguia as sobrancelhas e espiava-o com o canto dos olhos, mas disfarçava e realmente se entregava de volta à literatura.

Ela terminou todo capítulo e preparou-se para ir para casa. Teve vontade de perguntar algo àquele homem que permaneceu ao seu lado, mas cerrou os lábios com força, dobrou a língua e se foi.

Durante a noite, a mocinha não dormiu. Ficou pensando no homem, tentando adivinhar seu nome, criando para ele uma história de vida, uma família, uma tragédia, um momento alegre, um... Um perfume, um gosto, uma textura... "Meu Deus! Dinorah, o que é isso??? Não pense bobagens, menina!". Parecia bobagem, um pensamento indigno de bênção, impuro... Mas... Era tão bom!

No dia seguinte, ela apressou-se e foi à praça mais cedo do que de costume. De certo modo, perdeu seu tempo, pois o homem só chegou ao local na hora exata em que Dinorah costumava ir nos outros dias. "Ironias, ironias...", pensou ela, remoendo a tensão e aliviada por ele não ter desaparecido para sempre. Seguiu o mesmo ritual; abriu o livro, fixou os olhos na primeira página e... "Como posso me concentrar deste modo?". O homem invadia sua cabecinha.

Era impertinente como um jingle de comercial. Ela ouvia a própria respiração e, para seu desespero, a respiração dele também! "Ele respirando nesse ritmo... Ai!". Ela se condenava, mas sentia uma espécie de calor subindo pelo corpo. Seus pensamentos possuíam trama, eram táteis... "Por que diabos nestas horas só penso bobagens? Estou vermelha... Ele vai perceber!".

Enquanto ela sofria aquela tortura silenciosa e sentia o suor escorrer por entre os seios, o homem permanecia inerte ao lado. Fitava o lugar, pigarreava discretamente e sorria. Não para Dinorah, sorria para o mundo.

"Ele pigarreou... Será um sinal? Devo falar alguma coisa?"... "Sua voz... Como será?"... "Que calor!!!".

Suas noites passaram a ser habitadas por um estranho cujo nome não sabia. Sonhava com aquele homem misterioso que lhe fazia uma companhia calada e agradável. No começo, era curiosidade, mas depois... Imaginava-se em seus braços, escrevia enredos como os dos livros que lia. Apaixonara-se, pouco a pouco, (platonicamente) por aquele homem.

Foram dias e dias naquele suplício. Até que...

Em outra tarde, Dinorah não fez diferente: voltou ao velho banco. Sentou, livro, olhos, letras, suor, pensamento, calor. A diferença é que, agora, mal sabia o que estava lendo. Definitivamente, não conseguia se concentrar mais em suas obras. O homem permanecia ao seu lado. De repente...

- Como é o seu nome?

Sim! Sim, era o som da voz dele! Clamem por todos os Santos! "Eu nunca ouvi uma voz tão sexy em toda minha vida!". Era uma voz máscula, meio rouca, peculiar, doce, quente, concreta!

Dinorah, logicamente, gaguejou:

- Di... Dino... Dinorah.

"Aposto que ele notou meu nervosismo!!!"... "Calma! Agora não é hora de desespero!". Silêncio. Pensamentos vazios na mente dela. Tudo branco. Nada, nada, nada, nada! Espaço, vácuo, branco, branco, branco...

- Posso te dizer uma coisa, Dinorah?

Era ele de novo. "Como é gostoso ouvi-lo pronunciar meu nome. 'Dinorah!'".

- S-s-s-sim... Claro!

"Fale o quiser! Pergunte o que quiser! Confesse que sonhou comigo por noites intermináveis, que me desejou, que quis sentir meu corpo, meu gosto! Cuspa

suas palavras, admita que, no começo, me enxergou como uma ninfeta frágil e indefesa, mas que foi tomado por um fervor incontável!"

Ele fez uma pausa. Breve. Aquela ausência de sons, o mundo parado e... "Que voz, que voz!". A ansiedade dela, a iminência de dizer algo, o sol, a grama, o livro...

- Seu livro... _ disse ele.

"Será que ele também gosta de José de Alencar?"... "Ele vai dizer que AMA José de Alencar. Escuta só!"... "Somo iguais até nos gostos literários... Fomos feitos um para o outro!"...

- Seu livro...

"Sim... O que tem o meu livro?"... "E do meu corpo, você gosta?"... "Fale-me do livro, de suas preferências, de sua vida...!"

- Seu livro... Está de cabeça para baixo.

Dinorah sentiu o chão sumir.

Ele apenas levantou-se e se foi.

Não fosse o livro de ponta cabeça... Talvez ele nunca tivesse falado com ela.